A ARTE DE ARMAR O POEMA
Maria de Fátima Gonçalves Lima
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS

Introdução

A presente pesquisa visa a focalizar o ângulo da obra gilbertina, referente à performatividade de sua poesia e demonstrando os jogos de amor e a sensível analogia entre a história mitológica de Eros e Psique e a história da poética de GMT. Não nos deteremos em qualquer arcabouço teórico pré-determinado. Pelo contrário, valer-nos-emos de todas as teorias que vierem ao encontro do elucidamento das peças estudadas. E, principalmente, seguiremos o itinerário que o poeta traça na busca de Eros total, na sua consciência poética, já que em seus textos, Gilberto Mendonça Teles sempre revela a sua concepção de poesia.

Métodos, procedimentos e materiais

O universo de sua poética é vastíssimo, por isso, em nosso estudo, embora empreendendo uma leitura cronológica de sua obra, recorreremos apenas à parte da obra que poderá exemplificar o proposto. Os livros Arte de Armar, Saciologia Goiana e Plural das Nuvens poderiam ser mais explorados. Não discordamos dessa possível afirmação e não vamos negar que não ficamos tentadas a fazê-lo, mas não é nossa pretensão analisar todos os poemas. Munidos de um binóculo, olharemos apenas algumas estrelas e algumas nuvens que acharmos mais convenientes. O Trabalho será exposto em slides.

Resultados e discussão

O Resultado da nossa exposição deverá evidenciar que a poesia de GMT reflete, nas tessituras da linguagem, a criação da obra de arte. Assim, a performatividade de sua lírica realiza ponderações sobre o tecido e a construção dos próprios poemas e se orientam pela máxima de Mallarmé: “Não é com idéias que se fazem versos, é com palavras. Repito: poesia se faz com palavras.” (Hugo Friedrich. 1978 p.19). Este artista da palavra ainda seguiram o conceito de Valéry quando defendia a seguinte idéia: “Um passo mais, e já nem será com palavras, mas com formas, relações e ritmos: As obras belas são filhas da sua forma” (Hugo Friedrich. 1978 p.60). Será a publicação de um artigo.

Conclusão e referências

É permitido à magia linguística fragmentar o mundo. A escuridão e a incoerência tornam-se pressupostos da sugestão da lírica. “O poeta serve-se das palavras como teclas”, desperta nelas forças que a linguagem cotidiana ignora; Mallarmé fala do “piano de palavras”. Contra a poesia anterior, que dispunha “ seu sortimento numa ordem facilmente compreensível”.

BARTHES, Fragmentos de um discurso amoroso. Trad. de Isabel Gonçalves, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. Trad. Vera da Costa e Silva, et al. Rio de Janeiro: José OLYMPIO, 1990. CIRLOT, Juan Eduardo. Dicionário de Símbolos. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Farias. São Paulo: Editora Moraes, 1984. COHEN, Jean. A Plenitude da Linguagem (Teoria da Poeticidade). Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1987. CORTAZAR, Júlio. “Interlúdio Mágico”, in. Valise de cronópio. Trad. Davi Arriguet e João Alexandre Barbosa. São Paulo, Perspectiva, 1974. FERNANDES, José. O selo do poeta. Rio de Janeiro: Galo Brando, 2005. _____. O interior da letra. Goiânia: UCG, 2007. _____. A loucura da palavra. Barra do Garças: UFMT – Centro Pedagógico de Barra do Garças, 1987. FRIEDRICH, Hugo. A estrutura da lírica moderna. Trad. Marise N. Curioni, São Paulo, Duas Cidades, 1978.

Palavras-chave: Metalinguagem; arte; palavra; criação

Contato: fatimma@terra.com.br